

PSICODINÂMICA DO TRABALHO

TEXTO INTRODUTOR

Psicopatologia do trabalho - Psicodinâmica do trabalho

Christophe Dejours

Conservatoire National des Arts et Métiers
41, Rue Gay-Lussac
75005 Paris, France
christophe-dejours@cnam.fr

A tradução deste texto para português foi realizada por
Duarte Rolo

Embora as primeiras questões a propósito da relação entre trabalho e saúde mental, em França, tenham surgido entre as duas grandes guerras, foi apenas a partir do fim da Segunda Guerra Mundial que a investigação clínica em psicopatologia do trabalho começou verdadeiramente (Billiard, 2011). Numa primeira fase, estes estudos procuravam identificar patologias mentais específicas de certos tipos de trabalho (tais como a neurose das telefonistas descrita por J. Bégoïn em 1957), mas foi necessário admitir que não existe nenhum síndrome psicopatológico exclusivamente produzido pelos constrangimentos do trabalho, contrariamente ao que pode acontecer com algumas doenças físicas devidas exclusivamente à poluição do meio de trabalho (saturnismo relacionado com os vapores de chumbo, silicose dos mineiros de carvão,...).

Tornou-se possível estender a investigação clínica após a identificação de um conflito específico entre os constrangimentos provenientes da organização do trabalho e o funcionamento psíquico dos trabalhadores. Algumas formas de organização do trabalho revelaram-se desta forma mais nocivas do que outras para o funcionamento psíquico. Quando este conflito leva ao aparecimento de uma doença mental, a resistência e as fragilidades da personalidade conferem à descompensação a sua forma clínica definitiva. Deste modo, a configuração sintomática (passagem ao acto, depressão, baforada delirante, neurose traumática...) reflecte mais as características idiossincrásicas do paciente do que a natureza dos constrangimentos organizacionais em causa no desencadeamento da crise psicopatológica.

A montante da descompensação, a normalidade representa o resultado de um compromisso, de uma luta entre o sofrimento provocado pelos constrangimentos organizacionais e as estratégias de defesa inventadas pelos trabalhadores para conter esse sofrimento e evitar a descompensação. Mas tais estratégias de defesa, estritamente ajustadas aos constrangimentos exercidos pela organização do trabalho sobre o funcionamento psíquico, têm a marca específica e reconhecível da organização do trabalho em causa.

Podemos assim descrever estratégias individuais e colectivas cuja riqueza e diversidade constituem a matéria-prima

de uma clínica apelidada de «clínica do trabalho».

Mas o trabalho não gera unicamente sofrimento psíquico ou doenças mentais. Pode, dentro de certas formas de organização do trabalho, tornar-se num mediador importante da génese do prazer no trabalho e da construção da saúde mental. Ou, dizendo de outra forma, o trabalho nunca é neutro relativamente à saúde mental. Pode gerar aquilo que há de pior, como o suicídio ou a crise clástica, mas também aquilo que existe de melhor: a realização pessoal através do trabalho, a sublimação, a contribuição para as obras da cultura e da civilização.

A tarefa incumbente à clínica do trabalho consiste em fornecer uma análise das condições que fazem oscilar a relação subjectiva com o trabalho no sentido da patologia ou, ao invés, da conquista da identidade. Desde logo, a psicopatologia do trabalho, ou seja a análise das descompensações psicopatológicas ocasionadas pelo trabalho, constitui apenas um capítulo específico da clínica do trabalho. Foi essencialmente esta razão que levou à alteração do nome da disciplina. A denominação "psicodinâmica do trabalho" dada à disciplina no início dos anos 1990 contém três dimensões:

- A primeira implica uma expansão do campo da clínica do trabalho da qual acabámos de falar.
- A segunda refere-se a uma teoria e a uma prática específicas. A teoria em questão tem vindo a ser progressivamente elaborada a partir de 1980, graças a um trabalho de investigação interdisciplinar ininterrupto. Desde o princípio deste trabalho três disciplinas foram chamadas a dialogar:
 - A psicologia: tendo por ponto fulcral a teoria psicanalítica do sujeito fundada sobre a metapsicologia de S. Freud e a teoria da sedução de J. Laplanche.
 - A sociologia: tendo por ponto fulcral a sociologia da ética fundada sobre a abordagem compreensiva de W. Dilthey, M. Weber e A. Schütz.
 - As ciências do trabalho: tendo por ponto fulcral a ergonomia francófona de A. Ombredane, J.M. Fa-verge e A. Wisner.
- A terceira diz respeito ao método de investigação cujo objectivo é a análise do trabalho psíquico imposto ao sujeito pelo conflito entre os constrangimentos da organização do trabalho e os próprios constrangimentos do psiquismo, tendo por objectivo evitar o risco de destabilização da identidade. O termo de "psicodinâmica" reflecte especificamente a prioridade dada, no processo de análise, ao conflito psíquico e aos seus destinos.

Mas a psicodinâmica do trabalho não representa um tipo de investigação exclusivamente orientada para a produção de

conhecimentos científicos. Encontra-se igualmente implicada na acção pois não há investigação possível sem que haja um pedido emitido por um paciente, um trabalhador, um colectivo de trabalho, ou uma instituição como seja uma comissão de saúde, higiene e segurança no trabalho; um serviço de saúde no trabalho; um sindicato; uma empresa; uma administração... A acção, indissociável do processo de produção do conhecimento, suscita em retorno investigações teóricas e confrontos interdisciplinares sobre o tema da teoria da acção.

Desta feita, desenvolveram-se novos confrontos interdisciplinares, com a teoria crítica e os filósofos da Escola de Frankfurt (A. Honneth, E. Renault, J.P. Deranty), com a fenomenologia, e em particular com a fenomenologia da vida (M. Henry).

Actualmente, o debate prossegue com investigadores provenientes de diversas disciplinas: não só com a ergonomia e a medicina do trabalho, mas também com a psiquiatria, a psicanálise, a psicologia, a psicologia social, a antropologia, a sociologia, a história, a linguística, a economia, a tecnologia, a engenharia (Dejours, 1987).

Desde os anos 70, quando a psicodinâmica do trabalho dava os primeiros passos no laboratório de ergonomia de Alain Wisner, no CNAM em Paris, a organização do trabalho atravessou diversos momentos de mutação (reestruturação das tarefas industriais, modelo japonês, modelo gestor, novas tecnologias e técnicas de informação e de comunicação, crescimento da economia das actividades de serviço...). Nesse contexto, os trabalhadores tentaram elaborar estratégias de defesa face ao sofrimento provocado pelas novas imposições organizacionais, com maior o menor sucesso. As patologias relacionadas com o trabalho aumentaram de forma constante, ao mesmo tempo que apareceram novas patologias, o que leva a pensar que as defesas que referimos não foram suficientemente eficazes. A partir da segunda metade dos anos 90, as tentativas de suicídio e os suicídios multiplicaram-se nos locais de trabalho, não só em França, como também no Japão ou na China... Embora haja um aumento global da riqueza nestes países, observamos um aumento da violência no seio das nossas sociedades, acompanhado por uma cronicidade crescente do desemprego e por um agravamento da pobreza. De forma paradoxal, ao aumento da riqueza corresponde ao mesmo tempo um aumento do sofrimento e das patologias. Como explicar que tanto homens como mulheres continuem a participar numa transformação do mundo e da organização do trabalho que tende a voltar-se contra eles próprios e ameaça porventura o «ser genérico do homem»? No contexto actual, assistimos ao retorno da questão da alienação, abordada múltiplas vezes desde o fim do século XVIII.

Poderão as pesquisas clínicas em psicodinâmica do trabalho contribuir para a análise desta mudança significativa do devir da «condição do homem moderno»? No final dos anos

90, a psicodinâmica do trabalho iniciou o debate sobre o papel do trabalho na génese das novas formas de servidão voluntária e acerca da sua responsabilidade na deterioração da saúde mental no trabalho. Esta análise gerou controvérsias cujas consequências se manifestam hoje no seio das organizações sindicais e no espaço público. No entanto, este debate não se restringe unicamente a França, onde os meios de comunicação, o cinema, os documentários, o teatro...lhe conferiram nos últimos anos uma difusão particularmente importante. Decorrem actualmente estudos em vários países, na América do Norte, nomeadamente no Canadá; na América do Sul, nomeadamente no Brasil; na Europa, nomeadamente na Bélgica, na Suíça, na Alemanha; na Ásia, nomeadamente no Japão e em Taiwan; na Austrália. Mas, para além de iniciar debates com outras disciplinas, a psicodinâmica do trabalho também provoca controvérsias na própria área da clínica. Com efeito, em grande parte dos países e organizações internacionais, o estudo da relação entre trabalho e saúde mental é essencialmente dominado pela temática do stress, pelos inquéritos quantitativos, estatísticos e epidemiológicos.

Para lá das diferenças fundamentais que existem entre os fundamentos científicos (no que diz respeito à teoria do sujeito, à teoria social e à teoria do trabalho) que opõem os modelos do stress e a psicodinâmica do trabalho, devemos ainda considerar as implicações práticas de tais diferenças. As acções que adoptam por referência a teoria do stress traduzem-se essencialmente por recomendações relativas à gestão individual do stress. De uma forma geral, não põem em causa a organização do trabalho e limitam-se portanto a um "tratamento sintomático". Ao invés, qualquer acção que tenha por referência a psicodinâmica do trabalho, procura elaborar os requisitos de uma intervenção que não vise apenas os indivíduos, mas que procure igualmente a transformação da organização do trabalho. O objectivo é desde logo a concepção de um "tratamento etiológico" do sofrimento e das patologias mentais engendradas pelo trabalho.

Este tipo de orientação levou os investigadores em psicodinâmica do trabalho a chamarem a atenção para o trabalho colectivo e para a questão das possibilidades de cooperação. Efectivamente, as investigações em psicodinâmica do trabalho dos últimos dez anos demonstram que a introdução e rápida generalização dos novos métodos de avaliação individual do desempenho levada a cabo pelas ciências da gestão tem um papel de primeiro plano na destruição das possibilidades de trabalho colectivo, de cooperação e de solidariedade. Sendo assim, estes métodos de organização do trabalho estão implicados nos processos de servidão voluntária e de deterioração da saúde mental no trabalho. No lugar da entreatajuda e da solidariedade, a solidão e o medo invadem o mundo do trabalho. Face à dominação, à injustiça, ao assédio, à

ameaça de despedimento, cada qual se encontra doravante sozinho.

A glorificação do desempenho individual, ao desestruturar as solidariedades, atinge um dos garantes fundamentais da saúde mental no trabalho. Para recuperar aquilo que foi destruído no decorrer desta evolução nefasta, é necessária uma transformação da organização do trabalho que restaure as condições necessárias para a cooperação. De facto, a psicodinâmica do trabalho demonstra que a cooperação não se pode dissociar de uma actividade de produção de regras de trabalho e que tais regras de trabalho são iguais e invariavelmente regras de *savoir-vivre*, de convivência e de vida em conjunto.

O trabalho não produz aquilo que temos de melhor ou de pior unicamente a nível individual. Pode também gerar aquilo que há de melhor a nível colectivo ou seja, a concórdia e o "*vivre-ensemble*"^[1], tal como pode provocar o pior, ou seja, a solidão – e até a desolação – a desconfiança, o medo e a instrumentalização dos seres humanos que pode chegar ao extremo de levar alguns de entre nós a matarem-se na presença dos próprios colegas.

O tratamento "etiológico" do sofrimento no trabalho pressupõe que nos apoiemos numa teoria e numa prática da reconstrução do trabalho colectivo e do «*vivre-ensemble*». Esta teoria não pode ser elaborada a partir de estudos quantitativos sobre o stress e a epidemiologia.

Numa outra dimensão da clínica, que se refere ao tratamento dos doentes que sofrem de patologias laborais, os princípios do cuidar serão diferentes consoante nos referirmos às teorias do stress ou à psicodinâmica do trabalho. É portanto em ambas as dimensões da acção, individual e colectivamente, que a psicodinâmica e as teorias do stress tomam caminhos diferentes. Os artigos apresentados neste volume da revista *Laboreal* darão ao leitor uma ideia do campo que se abre para a investigação científica e para a acção na área da clínica e da psicodinâmica do trabalho.

Notas

[1] Nota do Tradutor: literalmente «viver em conjunto».

Referências bibliográficas

Billiard, I. (2011). *Santé mentale et travail: L'émergence de la psychopathologie du travail*. La Dispute.

Dejours, C. (1987). *Plaisir et souffrance dans le travail: Séminaire interdisciplinaire de psychopathologie du travail*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.

ES

Texto Introdutorio: Psicopatología del trabajo – psicodinámica del trabajo

FR

Texte d'Introduction : Psychopathologie du travail – psychodynamique du travail

EN

Introductory Text: Psychopathology of work – psychodynamics of work

Como referenciar este artigo?

Dejours, C. (2011). Psicopatologia do Trabalho - Psicodinâmica do Trabalho.

Laboreal, 7, (1), 13-16.

<http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45nSU5471124227833834371>